

# 1

## Introdução

Desde minha juventude sou um grande apaixonado pela História, assim decidi orientar minha vida pessoal, profissional e acadêmica neste campo do conhecimento. Nesta última década, trabalhei, principalmente, como professor de História em estágios, cursos pré-vestibulares comunitários, escolas públicas e privadas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Sou graduado em História pela UERJ, onde ingressei em 2000, concluindo o bacharelado e a licenciatura plena em 2005.

Durante a graduação tive a oportunidade de participar de dois projetos de iniciação científica como estagiário que foram importantes ferramentas para meu desenvolvimento teórico e prático no processo de construção da carreira docente. Primeiramente trabalhei como pesquisador do Arquivo Nacional através do CETREINA e da parceria do Arquivo Nacional com a UERJ.

Participando de dois projetos de pesquisa para a organização das fontes e criação do site do Arquivo Nacional, entre os anos de 2001 e 2002. O primeiro foi sobre a Corte Portuguesa de Dom João VI, desenvolvendo um roteiro de fontes para a administração Joanina. O segundo projeto temático pesquisado buscava criar um banco de dados para investigações relativas à Colônia Portuguesa, uma história luso-brasileira.

Posteriormente ao estágio em pesquisa tive a oportunidade de trabalhar como bolsista de estágio interno da UERJ, na monitoria do projeto de visitação pedagógica do Palácio Tiradentes, a ALERJ, entre março de 2003 até o início de 2005.

Atuei como monitor da exposição permanente do Palácio Tiradentes sobre a construção da cidadania no Brasil, a consolidação do poder legislativo nacional, nossa própria história e evolução política. O espaço é aberto diariamente à visitação de escolas municipais e estaduais, como também instituições federais e privadas de todo o Estado Fluminense.

Esta experiência como educador com crianças e jovens em um “local não formal de educação”, que decidi de fato trabalhar com o ensino e aprendizagem de História e suas metodologias.

Ainda na faculdade, iniciei um curso de turismo chamado *Marc Apoio*<sup>1</sup>, concluído em 2004, quando me tornei guia nacional de turismo pela EMBRATUR. A partir deste período, trabalhei com algumas das mais conhecidas empresas de turismo pedagógico do Rio de Janeiro, como o Espaço e Vida, a Veronese Tour, a Okýs Integração Ambiental e a Experiencial Educação.

Nestes anos de trabalhos interdisciplinares em campo e através das diferentes empresas e seus projetos, guiei grupos de dezenas escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro, da zona sul a zona norte. Ainda hoje, realizo diversas atividades pedagógicas de campo buscando consolidar conteúdos e conceitos históricos presentes nas grades curriculares escolares de modo lúdico, interessante e criativo.

Atualmente classificamos como *turismo pedagógico* as diversas atividades educativas desenvolvidas em campo, nos denominados *locais não formais de educação*. Instituições culturais, museus, centros produtivos, fábricas, hidrelétricas, monumentos históricos, parques nacionais de preservação, cidades históricas, ecossistemas específicos entre outros espaços fora do ambiente escolar que permitem aos estudantes vivenciarem novas experiências que também produzem saberes.

Desta forma, são atividades pedagógicas realizadas fora das instituições escolares, dinâmicas realizadas em campo que acredito colaborarem de forma efetiva no processo de construção do conhecimento por parte dos alunos.

Minhas experiências profissionais como professor de História em diversas instituições formais de ensino foram, a meu ver, os mais concretos pontos de apoio, os pilares práticos e teóricos enquanto me moldava e construía em educador e docente.

Entre os anos de 2000 e 2004, ainda na faculdade, iniciei minha carreira como docente em cursos preparatórios sociais e comunitários. Fui professor de História em dois pré-vestibulares: o PCVR, Pré-Vestibular Comunitário da Rocinha e o Pré-Vestibular do colégio CEAT em Santa Tereza para membros das comunidades locais do bairro, ambos no RJ.

No ano de 2004 participei de interessante programa educativo social desenvolvido pelo CIEDS. Trabalhei como professor do CIEDS, uma ONG patrocinada pela Petrobrás nas áreas de educação, cultura e esportes em regiões e

---

<sup>1</sup> Marc Apoio consultoria e treinamento LTDA. Rua do Carmo, nº 38 – 2º andar. Centro, Rio de Janeiro.

localidades pobres de nosso município. Atuei como mediador de vivências, monitor e professor na comunidade Vila Catiri, na zona Oeste do RJ.

De forma breve, também indico a seguir as principais instituições de ensino formais e reconhecidas como referências educativas em nossa cidade nas quais trabalhei. Entre os anos de 2007 e 2011 lecionei no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, chamado de CAP UERJ.

Durante o período do contrato formal, por cinco anos, fui professor de História em turmas do segundo segmento de Ensino Fundamental e também do Ensino Médio. Lecionei majoritariamente com classes do sexto ao nono anos, mas por dois anos atuei também com alunos do segundo ano do Ensino Médio.

No início deste ano de 2013 retornei a este colégio pelo qual tenho grande carinho e respeito através do concurso para contratos realizado pela escola, que no início do período buscava recompor seu quadro de professores para compor o quadro docente junto aos profissionais efetivos da casa.

Terei, portanto, junto ao CAP UERJ, mais quatro anos de docência, local onde acredito irei desenvolver minhas reflexões e indagações no doutorado, pesquisa que pretendo iniciar em 2014.

No período de 2008 a 2009 trabalhei no Centro de Educação Faria Brito como professor de História do sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental, lecionando na unidade do Recreio dos Bandeirantes.

Mais recentemente, lecionei entre os anos de 2010 e 2012 em importante colégio carioca, o CEAT - Centro Educacional Anísio Teixeira. Era professor de História das duas turmas de sexto ano do Ensino Fundamental da escola considerada referência pedagógica, localizada em Santa Tereza.

Concomitantemente ao trabalho no CEAT, entre 2011 e 2012, lecionei no Colégio Padre Antônio Vieira – COPAVI. Fui docente e professor de História das turmas do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental da tradicional instituição católica localizada no Humaitá.

Um trabalho mais acadêmico que venho desenvolvendo nestes últimos quatro anos merece especial atenção. Desde 2009 e em todos os últimos anos tenho tido a feliz oportunidade de integrar a banca de correção do vestibular da UERJ, nas provas específicas de minha disciplina.

Assim venho aprendendo bastante em termos de reflexões relativas a avaliações, ensino e aprendizado através das correções no Vestibular da UERJ enquanto membro da banca docente de correção das provas específicas.

Tive uma breve e importante oportunidade profissional como docente em 2012 quando fui indicado por professores da UERJ a trabalhar como docente substituto e contratado. Assim lecionei no Instituto de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o CAP UFRJ na lagoa, como professor de História substituindo o professor doutor Américo Freire, efetivo desta instituição. Sem possibilidades de lecionar neste ano devido ao seu pós-doutorado, coordenei e lecionei a grade de História do Brasil para todas as três turmas do terceiro ano do Ensino Médio, desenvolvendo projetos específicos para os diferentes vestibulares e provas a serem realizadas naquele ano.

Concluindo minhas experiências profissionais na minha área de atuação, gostaria de destacar uma atividade em que participo desde o início de 2012. Um importante e grande trabalho sócio-comunitário para formação de monitores e agentes ambientais, chamado de Programa Mãos à Obra, projeto pedagógico em Educação Ambiental.

Devido as graves tragédias ocorridas na região Serrana do RJ em janeiro de 2011, a Secretaria Estadual de meio Ambiente, a Defesa Civil, o INEA e a UERJ desenvolveram importante planejamento para o enfrentamento e respostas em casos de futuros desastres naturais. O Mãos à Obra procura formar monitores ambientais, planos e rotas de fuga nas três cidades mais afetadas pelas chuvas e deslizamentos; Petrópolis (Itaipava), Teresópolis e Friburgo.

Atuo como tutor do polo de Petrópolis, onde leciono temas e conceitos propostos pelo programa, como acompanhamento semanalmente as atividades desenvolvidas neste local.

Na área das pesquisas acadêmicas tanto na História como na Educação, tive importante experiência investigativa ao desenvolver um trabalho de pós-graduação na PUC RIO em Educação Ambiental, disciplina científica na qual mais especificamente vinha atuando como docente e monitor de projetos na área. Fiz o curso de pós-graduação lato senso em Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis: sustentabilidade, ambiente e sociedade.

O curso foi concluído no segundo semestre de 2011. O trabalho de pesquisa enfatizava a centralidade das teorias e práticas pedagógicas da Educação

Ambiental para as temáticas e propostas presentes no processo de ensino e aprendizagem em História. Este trabalho em verdade, representou um passo inicial nas investigações e reflexões presentes nesta dissertação de mestrado agora proposta.

## 1.1 Justificativa

Considero as diversas experiências de campo possíveis em nosso município e também no Estado (museus, fábricas, parques ecológicos, fazendas, transportes, ecossistemas e etc.), como fundamentais para um aprendizado mais lúdico e dinâmico na formação dos estudantes.

Pode-se perceber que estas atividades e vivências contribuem de modo significativo para o desenvolvimento dos currículos das escolas, pois normalmente são trabalhos interdisciplinares que permitem a interação entre as diversas áreas do conhecimento.

No contexto deste trabalho, acredita-se que as saídas de campo contribuem e possibilitam a compreensão da História, em suas mais diferentes facetas do passado, das tradições como também do cotidiano, entrelaçando saberes de áreas e épocas diversas.

Através de minhas experiências profissionais e posteriores reflexões inseridas na didática de História, busco consolidar a ideia de que nosso corpo e sentidos são nossas reais “*Janelas da Alma*”, as próprias antenas sensitivas<sup>2</sup>. Portanto, são importantes veículos de captação e absorção de símbolos, conceitos, objetos, padrões, gostos e etc. São nossos receptores sensitivos e materiais, construindo através destas percepções e experiências determinados padrões teóricos e culturais, valores, ideologias, memórias e também nossos saberes e conhecimentos.

---

<sup>2</sup> Conceito trabalhado no documentário cujo nome produziu a expressão. **Janela da Alma** é um documentário dos diretores brasileiros João Jardim e Walter Carvalho produzido em 2001, com cerca de 73 minutos. O filme é composto de 19 depoimentos de pessoas com problemas visuais, entre eles: Hermeto Pascoal, José Saramago, João Ubaldo Ribeiro e Manoel de Barros. A ideia surgiu da vivência do diretor João Jardim, que achava que o fato ter uma miopia muito grande teria influenciado em sua personalidade e até mesmo em sua vida. Os entrevistados analisam e caracterizam as formas pelas quais sentem e percebem o mundo, diversificando e valorizando os sentidos em suas especificidades e potencialidades cognitivas nas experiências cotidianas e na construção de saberes e conhecimentos.

Trabalho há cerca de sete anos como professor de História, majoritariamente com as turmas finais do Ensino Fundamental (EF). Neste segmento percebe-se a importância dos professores em desenvolver, inclusive dentro de sala de aula, propostas, práticas e metodologias de trabalho interessantes e estimulantes aos alunos. Trabalhando para que desenvolvam maior aproximação, gosto e entusiasmo pelos estudos da disciplina de História.

## **1.2 Relevância**

Frequento, há anos, como educador a Pousada Fazenda Ponte Alta (PFPA), uma fazenda cafeeira localizada em Piraí, que realiza diversas atividades pedagógicas, principalmente ligadas a História do Brasil, do Império a República. Já tive a oportunidade de realizar a visita pedagógica com diversos colégios públicos e particulares do Rio de Janeiro como: Escola Parque, SION, CEAT, CAP UERJ, PEDRO II entre outros.

Nesta última década o local parece vir consolidando sua posição como uma importante instituição cultural, local produtor de conhecimentos e referência pedagógica tanto em âmbito regional como também nacional.

A preocupação central desta pesquisa é compreender, analisar e verificar se, de fato, este espaço é um local construtor de conhecimentos históricos importantes para o ensino de história nas escolas de nosso município que visitam frequentemente este local.

A página virtual - home Page - da PFPA disponibiliza as principais atividades oferecidas, os conteúdos estudados na atividade, acomodações para os colégios, imagens de trabalhos realizados entre outras informações<sup>3</sup>.

No presente trabalho, pretendo aprofundar a análise a partir das experiências desenvolvidas na fazenda com turmas de alunos do Rio de Janeiro, buscando compreender os benefícios disciplinares, os avanços teóricos que as visitas proporcionam aos estudantes destes colégios. De que forma promove desenvolvimento cultural, a compreensão de suas identidades, a crítica histórica, colaborando para a consolidação da cidadania deste público infanto-juvenil.

---

<sup>3</sup> [www.pontealta.com.br](http://www.pontealta.com.br)

As visitas pedagógicas são desenvolvidas majoritariamente com alunos do Ensino Fundamental, portanto, este é o principal segmento a ser estudado. Até porque são as turmas que mais realizam atividades nos espaços não formais, visto que não têm uma preocupação tão direta com relação ao vestibular, além de que, no segundo segmento iniciam o trabalho com as disciplinas separadas, tendo o estudo de História pela primeira vez, uma importância maior.

Nas análises historiográficas desenvolvidas a partir dos roteiros da PFPA, os conteúdos curriculares presentes na grade escolar que podem ser mais bem percebidos e estimulados estariam ligados em grande parte a História do Brasil. Prioritariamente relativas ao período Imperial, no segundo reinado, à República Velha e ao segundo mandato de Vargas, já no populismo.

Entretanto, de maneira complementar e não tão específica, pode-se também trabalhar com outros temas interdisciplinares como a educação ambiental, sustentabilidade, com o conceito geográfico de paisagem, os ciclos hidrológicos locais, a agricultura e também outras épocas históricas, como o período colonial, a Era Vargas e a Nova República, por exemplo.

### **1.3** **Questões norteadoras da pesquisa**

O caminho acadêmico é uma caminhada repleta de curvas, pedras, percalços e bifurcações. Costumo afirmar que não é um caminho, é uma verdadeira trilha, com mais subidas, pontos críticos e principalmente, riscos. Gosto da imagem das trilhas e das constantes aventuras, aprendizados e crescimentos pelos quais passamos ao realizar tanto as caminhadas acadêmicas como as ambientais.

Acredito que ainda sou aprendiz dos meandros do universo acadêmico de pesquisa, mas creio que ao longo dos estudos, alguns passos importantes foram dados. Na busca pela definição do meu objeto de pesquisa, após idas, vindas e reflexões, creio que o projeto apresenta duas indagações centrais norteadoras, duas questões primordiais.

Em relação às questões centrais que norteiam esta pesquisa, podemos dizer que são correlativas, estão interligadas e se completam. Primeira questão: Qual é o papel pedagógico atual da PFPA?

Portanto, busco saber se este espaço educativo pode ser considerado, de fato, um local onde os alunos visitantes são levados a aprender, a conhecer e a compreender nosso passado, se a fazenda é hoje, uma importante referência pedagógica para nossas escolas e os porquês desta possível constatação.

A segunda indagação é: Qual o sentido da visita guiada? Quais são as suas contribuições para o ensino e aprendizagem da história?

Pretendo perceber se existe no local uma metodologia específica de ensino, alguma prática de ensino que seja uma alternativa pedagógica para os educadores do Ensino Fundamental das escolas da cidade do Rio de Janeiro.

Na verdade, para solucionar este segundo questionamento deveremos trabalhar também com outras breves análises, como as possibilidades de utilizar a visita ao local para a construção conceitual dos conteúdos da disciplina de história, os desdobramentos da atividade em sala de aula e a importância desta saída de campo em suas relações com as grades curriculares e os PCN's de História, hoje.

Busco analisar a PFFA como local produtor de conhecimentos históricos e pedagógicos. Se for possível afirmar que o espaço, transformou-se verdadeiramente numa referência pedagógica para muitas escolas de nossa cidade, inserido no processo de ensino e aprendizagem em História.

Deste modo, a pesquisa pretende, a partir de um estudo de caso, ressaltar a centralidade da utilização de ferramentas didáticas extracurriculares presentes no processo de ensino e aprendizagem de História que vem sendo revitalizadas nos discursos e práticas de historiadores e professores da disciplina.

Enfim, buscarei compreender como a utilização destes métodos desenvolvidos em locais educativos não formais podem colaborar para uma melhor compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, no caso uma análise específica de estudo de caso em relação à experiência da PFFA.

#### **1.4 Objetivos norteadores da pesquisa**

A partir das questões norteadoras acima citadas, surgem objetivos mais específicos do projeto que serão desenvolvidos durante a pesquisa. Assim trabalho com três espaços de análises principais.



Primeiramente uma observação sobre as correntes historiográficas contemporâneas que permitem o suporte teórico necessário para a pesquisa. Neste momento também será realizada uma análise sobre as relações entre a educação formal e os chamados espaços não formais de educação. Ao final deste primeiro momento busco perceber as práticas didáticas contemporâneas a partir dos avanços historiográficos e das possíveis contribuições dos espaços educativos não formais.

Como segunda referência analítica a própria PFPA, sua história, arquitetura e a metodologia de ensino desenvolvida pelos educadores locais. Desta forma, realizo uma descrição detalhada deste espaço cultural, seu histórico, serviços e sobre as peculiaridades presentes em seus roteiros guiados educativos.

Por fim, discuto a relevância da experiência desenvolvida no espaço, inserida no contexto do ensino de história nas salas de aula das escolas fluminenses. A partir das análises dos dados recolhidos, observações e entrevistas, busco consolidar as relações entre a experiência de campo e as atividades pedagógicas escolares.

Para uma apresentação mais direta, clara e organizada dos principais objetivos norteadores do trabalho, preferi defini-los em tópicos. Apresento-os de modo simples, organizados em itens que seguem abaixo:

- Caracterizar a experiência desenvolvida na PFPA.
- Analisar as diferentes dinâmicas educativas e componentes presentes na experiência pedagógica desenvolvida na fazenda.
- Compreender a relação desta experiência de caráter não formal com o ensino formal da história no Ensino Fundamental das escolas do RJ.
- Discutir a relevância da experiência realizada para a consolidação de uma escola que favoreça o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã.

Desde já, esclareço que considero os agentes educativos da PFPA os profissionais responsáveis por conduzir os alunos no roteiro da visita guiada através da fazenda. São eles que apresentam os conteúdos, informações e dados históricos do local inseridos em contextos específicos da História nacional e realizam as atividades lúdicas, teatrais e musicais oferecidas no espaço aos colégios visitantes.

Em relação às discussões direcionadas ao ensino de história na sala de aula terá como referência os professores e os coordenadores responsáveis pela

realização das atividades na PFPA pelas escolas. Inclusive, porque são justamente as pessoas que promovem as relações, as ligações e as pontes conceituais entre a experiência não formal realizada com as atividades e trabalhos desenvolvidos nos colégios sobre o conteúdo ou tema estudado pela turma.

Através destas indicações buscaremos aprofundar os conhecimentos referentes à centralidade desta experiência para os estudos realizados nas salas de aulas destas instituições formais de ensino.

Portanto, desejamos tornar perceptíveis, se possível, as contribuições conceituais, os prováveis ganhos pedagógicos para os alunos visitantes segundo os educadores institucionais responsáveis, as intenções centrais e os resultados esperados pelos professores/coordenadores das escolas na realização desta atividade de campo, assim como pesquisar certas propostas pedagógicas e possíveis trabalhos escolares a serem realizados antes ou após a visita e como se complementam no processo de construção do conhecimento histórico.

## 1.5 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Optando por uma investigação que pretende identificar e analisar a dimensão educativa da PFPA, a investigação foi trilhada no caminho de uma abordagem qualitativa. No contexto de escolha de um método adequado as questões e objetivos levantados por cada metodologia de pesquisa - quantitativa ou qualitativa - a obra de BAUER e GASKELL (2010) contribuiu de modo significativo. Segundo os autores:

- “A pesquisa quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados, e é considerada pesquisa *hard*. O protótipo mais conhecido é a pesquisa de levantamento de opinião. Em contraste, a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada *soft*. O protótipo mais conhecido é provavelmente a entrevista em profundidade”. (Pág. 23)

Eles apresentam uma tabela relativa às diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa, onde consideram as principais estratégias no caso

qualitativo representado por: textos, interpretação, entrevista em profundidade e caracterizada como soft<sup>4</sup>.

Segundo os autores a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais específicos é a condição sine qua non da pesquisa qualitativa e temos assim, por consequência desta definição a utilização das observações e de entrevistas como referenciais teóricos principais.

O estudo de caso realizado na PFPA como método de pesquisa foi adotado por diversos motivos: foi a primeira fazenda de todo o Vale do Paraíba a oferecer um roteiro guiado com objetivos pedagógicos voltado para escolas; tem expressão e reconhecimento nos níveis local, regional e nacional (sabe-se que inclusive cursos e grupos de escolas estrangeiras também realizam frequentemente a visitação); fica no município do Rio de Janeiro; é considerada uma referência na realização destas atividades educativas; trabalha com a história local através da história oral e das narrativas e porque apresenta um trabalho estruturado e consolidado passível de investigação no presente momento.

Como suporte teórico para às análises relativas ao estudo de caso, utilizo a obra de Marli André como base para as respectivas reflexões.

Segundo a autora os estudos de caso já eram usados desde o século XIX em diferentes áreas do conhecimento como: sociologia, antropologia, medicina e outras, respeitando-se naturalmente uma série de especificidades quanto à área e aos objetos das análises.

Em educação aparecem mais frequentemente desde as décadas de 60 e 70 e considero importante ressaltar que apesar de todas as dificuldades para definir conceitos particulares ao estudo de caso, considera a autora sobre o estudo de caso é que; “sempre envolve uma instância em ação”. (Pág. 15)

Percebo a pesquisa como inserida no universo epistemológico do estudo de caso, principalmente porque no caso das análises sobre a PFAP percebe-se uma série de analogias relativas à particularidade e a descrição.

ANDRÉ (2005) acredita que quatro características são essenciais num estudo de caso: particularidade, descrição, heurística e indução.

Apresento as definições da autora sobre dois dos pontos citados em particular:

---

<sup>4</sup> BAUER, Martin & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. (Pág. 23)

- “Particularidade significa que o estudo de caso focaliza uma situação, um programa, um fenômeno particular. O caso em si tem importância, seja pelo que revela sobre o fenômeno, seja pelo que representa. Descrição significa que o produto final de um estudo de caso é uma descrição densa do fenômeno em estudo.

O estudo de caso engloba um grande número de variáveis e retrata suas interações ao longo do tempo. Os dados são expressos em palavras, imagens, citações literais e figuras literárias”. (Pág. 17-18).

Creio que a pesquisa esteja inserida, no que Marli André, a partir de STAKE (1995), chama de estudo de caso intrínseco. Ela dá como exemplo deste caso quando, por exemplo, o pesquisador deseja investigar a prática pedagógica de uma professora bem sucedida, o interesse é no caso em si, deseja-se e quer-se conhecer mais acerca desta unidade específica observada e questionada.

Coloco a PFPA no lugar desta professora bem sucedida e vamos, portanto, investigar a suas práticas pedagógicas.

Quando considero a pesquisa um estudo de caso, aproveito para acompanhar as definições de ANDRÈ (2005):

- “O estudo de caso educacional está preocupado com a compreensão da ação educativa. Busca enriquecer o pensamento e o discurso dos educadores seja pelo desenvolvimento de teoria educacional, seja pela documentação sistemática e reflexiva de evidências”. (Pág. 21)

Para a autora uma das vantagens do estudo de caso é a possibilidade de fornecer uma visão profunda e ao mesmo tempo, ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta por muitas variáveis. Segundo ANDRÈ (2005):

- “Uma vantagem associada ao estudo de caso é sua capacidade de retratar situações da vida real, sem prejuízo de sua complexidade e de sua dinâmica natural. Outra qualidade usualmente atribuída ao estudo de caso é o seu potencial de contribuição aos problemas da prática educacional”. (págs. 34-35)

Com as questões e os objetos definidos e apoiados pelas teorias qualitativas e relativas ao estudo de caso brevemente analisados, chega-se no momento de definição das estratégias de pesquisa utilizadas.

Primeiramente trabalho com a observação participante. Para Marli André a observação é muito importante e dirige o pesquisador para a compreensão do caso.

É preciso fazer um registro muito acurado dos eventos narrados de modo a fornecer uma descrição incontestável que sirva para as análises e para o relatório final.

Para ANDRÈ (2005):

- “Na observação de campo deve ser dada especial atenção ao contexto, a situação física deve ser muito bem descrita. A observação deve incluir plantas, mapas, desenhos fotos. Não só o contexto físico deve ser descrito, mas o familiar, o econômico, o cultural, o social, o político ou aqueles que ajudam a entender o caso”. (Pág. 52)

Percebe-se a centralidade deste momento de observação e que apesar de parecer simples, requer um detalhamento acurado do meio, assim como perceber as relações entre o ambiente e as culturas presentes no espaço analisado.

A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos no processo de coleta dos dados. Interessante e paradoxal é perceber que o pesquisador é um observador que está sendo todo o tempo observado.

Nestas questões relacionadas às observações participantes, DAUSTER (2003) nos alerta que é importante estarmos atentos nas pesquisas em educação para:

- “A ‘apropriação de atitudes’ emblemáticas do campo antropológico pelos profissionais de educação é mais que pertinente, pois indispensável, e possibilita a construção de um saber híbrido ou de fronteira, além de um olhar mais complexo sobre os fenômenos educacionais.

Quais seriam estas atitudes? Refiro-me à produção de um conhecimento dos fenômenos educacionais a partir de observação participante e do “olhar” relativizador.

Sem querer transformar o educador em antropólogo, trata-se de convidar o educador a mergulhar em outro sistema de referências e inspirar-se na prática antropológica”. (Pág. 13)

As observações envolveram acompanhar diversas visitas de turmas de colégios do Rio de Janeiro, além de outras atividades que lá ocorrem, como:

- Observação dos grupos durante as visitas guiadas pela PFPA;
- Observação dos saraus históricos onde os alunos são convidados a participar dançando e cantando;
- Perguntas, indagações e conversas realizadas entre os alunos e os sujeitos educativos locais.

- Observações e participações nas diferentes atividades culturais lá promovidas, como a atividade de jongo, o jantar imperial, as rodas de capoeira entre outras.

Tive a oportunidade de conhecer a PFPA ainda no início do século XXI e suas atrações direcionadas às crianças e às escolas do Rio de Janeiro. Já participei da visitação como professor, guia de turismo encarregado de conduzir grupos de escolas nas atividades pedagógicas, como monitor e também a lazer.

Ultimamente, retornei ao local privilegiando a realização das entrevistas e a coleta de informações, dados e estatísticas finais, que possam ser úteis para as análises finais do trabalho.

Não tenho como escrever um quantitativo exato de horas das observações realizadas ou números aproximados. Realizei as atividades profissionais acima apresentadas por cerca de quatro anos com muitos colégios, com os quais as empresas de turismo pedagógico trabalhavam durante os períodos letivos escolares<sup>5</sup>.

Como base de análises específicas para a pesquisa, utilizo o material coletado durante as visitas do colégio SION em 2011 e 2012, e as saídas de campo do CAP UERJ em 2009 e 2010<sup>6</sup>. Nestes casos, as quatro turmas do SION (duas por ano) eram do oitavo ano e trabalhavam questões relativas ao Império.

Já o CAP UERJ, realizou saídas com suas quatro turmas do oitavo ano, em 2009, para estudos direcionados ao segundo reinado; as quatro turmas do nono ano realizaram a saída em 2010, especificamente, para os estudos relacionados ao período republicano.

Realizo a seguir as entrevistas, com os sujeitos educativos da PFPA como também com os professores e coordenadores das escolas do RJ.

As entrevistas procuram particularizar as possíveis dinâmicas pedagógicas, as possibilidades de serem inseridas nas práticas escolares e perceber como os educadores presentes nesta experiência educativa analisam a atividade a partir dos seus respectivos campos de atuação.

Através das entrevistas tento aprofundar minhas percepções sobre o local, utilizando-me de discursos, linguagens, caracterizações, opiniões e críticas das

---

<sup>5</sup> Espaço e Vida; Veronese Turismo; Okýs Integração Ambiental e Experiencial Educação.

<sup>6</sup> SION – 2011 – Duas turmas de oitavo ano na PFP nos dias 28 e 29 de maio. Em 2012 – Duas turmas de oitavo ano nos dias 02 e 03 de junho. CAP UERJ – 80 alunos do nono ano no dia 23 de outubro de 2010.

pessoas que constroem o espaço em suas práticas diárias, tanto os sujeitos educativos locais como os professores e coordenadores das escolas visitantes.

Desta forma, foram desenvolvidos dois roteiros distintos de entrevistas semiestruturadas para os diferentes agentes educativos; um modelo para os profissionais, os sujeitos educativos da PFP e outro modelo para os professores e/ou coordenadores das escolas visitantes do RJ<sup>7</sup>.

Maria Virginia Rosa e Marlene Aparecida Arnoldi consideram a entrevista como uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno estudado, sistematizando-o em relação ao que já se sabe.

A escolha desta ferramenta na coleta dos dados não foi, portanto, aleatória. Concordo com ROSA & ARNOLDI (2006) quando observam que:

- “Podemos certificar que a opção pela técnica de coleta de dados através da entrevista deve ser feita quando o pesquisador/entrevistador precisa valer-se de respostas mais profundas para que os resultados da sua pesquisa sejam realmente atingidos de forma fidedigna. E só os sujeitos selecionados e conhecedores do tema em questão serão capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto”. (Pág. 16)

Seguindo as reflexões propostas pelas autoras, concordo que: “a entrevista é um processo de construção de dados sobre experiências diversas dos sujeitos expressas pela linguagem, constituindo um produto cultural”. (Pág. 24)

Percebe-se assim, que a entrevista não se limita a uma coleta de dados, mas a uma gama de procedimentos complexos capazes de conduzir aos resultados verídicos ou não.

Caminho na mesma direção de ROSA & ARNOLDI (2006) quando consideram que:

- “O clima ideal para a realização da entrevista como o tom natural de uma conversação. A naturalidade leva sempre a uma relação de confiabilidade e, conseqüentemente bons resultados nas respostas dos questionamentos propostos aos entrevistados”. (Pág. 27)

Considero os dois modelos propostos de entrevistas classificadas como semiestruturadas devido a definição prévia dos objetos pesquisados, ao mesmo

---

<sup>7</sup> Os dois modelos de entrevista elaborados para a pesquisa constam na íntegra no anexo do trabalho.

tempo que permite com que os entrevistados tenham certa liberdade para discursar sobre suas análises subjetivas.

No tocante a conceituação referente às entrevistas semiestruturadas e sua elaboração, ROSA & ARNOLDI (2006) afirmam que:

- “As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos.

Exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúsculas ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente”. (Pág. 31)

Tanto nos casos dos sujeitos educativos como dos professores e coordenadores das escolas, privilegiei o desenvolvimento de entrevistas agendadas, marcadas e gravadas em áudio e vídeo. Quando não foi possível realizar o encontro pessoal, as entrevistas foram encaminhadas para serem respondidas pelos entrevistados e depois reencaminhadas via e-mail.

Em relação a PFPA, foram realizadas quatro entrevistas com os sujeitos educativos locais; Reginaldo, Verônica, Ítalo e João. Destaco que todos os nomes citados no trabalho foram criados e são, portanto, fictícios. Esta foi uma escolha pessoal desde o início, definida, da mesma forma que a pesquisa não indica o nome de nenhuma instituição escolar devido a crenças morais e éticas do mestrando.

Nas entrevistas desenvolvidas com os educadores das escolas observamos interessante diversidade na coleta dos depoimentos. Oriundas de professores de história do Ensino Fundamental (EF) nas escolas foram recolhidas cinco entrevistas. Três coordenadoras do segundo segmento do EF responderam o questionário.

Foram realizadas também quatro entrevistas com professores de outras áreas científicas, duas entrevistas vieram da geografia e outras duas oriundas da biologia. Mesmo sendo educadores de outras disciplinas forneceram dados, opiniões e reflexões sobre o roteiro das visitas e a possibilidade do desenvolvimento de estudos interdisciplinares no local.

Após breves reflexões relativas às observações e as entrevistas chega-se ao momento das análises e a sistematização dos dados coletados.

Segundo ANDRÉ (2005):



- “Uma das implicações de realizar o trabalho de campo é que busco justamente na complementação dos dados de observação com os de entrevista e de fontes documentais. Já que há a preocupação de retratar a situação pesquisada em suas múltiplas dimensões, vamos buscar nos participantes a variedade de significados que eles atribuem a essa situação”. (Pág.62)

Nesta etapa da pesquisa a leitura e a releitura constante de todo o material coletado é determinante para termos condições de identificar os pontos relevantes e iniciar as análises das categorias descritivas.

Em relação à análise documental, busco relacionar as teorias e reflexões presentes na Escola dos Annales e da Nova História Cultural com os dados, informações e materiais produzidos pela PFPA para tentar chegar aos objetivos propostos pela pesquisa.

Serão analisadas as principais metodologias e práticas historiográficas em suas possíveis pontes conceituais percebidas nas didáticas pedagógicas realizadas pelos sujeitos educativos do local, assim como uma leitura direcionada ao material produzido pela PFPA, como folders, informações, os serviços presentes no site, os roteiros guiados entre outros.

Intercalando a análise documental com as observações e as entrevistas, tento perceber as falas, as palavras e expressões mais marcantes, significativas e notadamente repetidas.

A partir desta triangulação de dados e informações tentaremos apresentar as principais considerações acerca dos objetivos pesquisados. No caso das análises de sistemas qualitativos, para ROSA & ARNOLDI (2006):

- “Nessa etapa, há a busca de uma apreensão profunda de significados nas falas, nos comportamentos, nos sentimentos, nas expressões, interligados ao contexto em que se inserem e delimitados pela abordagem conceitual do entrevistador, trazendo à tona, por intermédio da fala do relato oral, uma sistematização baseada na qualidade. Devem-se analisar dados descritivos da realidade, tendo como foco a fidelidade do universo de vida cotidiana dos entrevistados. A função desse sistema é, portanto, apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar diferentes significados de experiências vividas”. (Pág.65-66)

Cumpre-se assim mantermos a fidelidade ao universo dos sujeitos responsáveis pela emissão das respostas aos questionamentos propostos, para a concretização dos objetivos. Ainda segundo estas autoras: o momento da sistematização é o foco central da pesquisa. (Pág. 67)

## 1.6 Estrutura da dissertação

No processo de organização do trabalho, opto por dividir a dissertação em três capítulos principais, além desta introdução. O primeiro aborda e analisa as atuais correntes historiográficas presentes no ensino de história.

Primeiramente busco trabalhar com as questões e os desafios presentes na historiografia contemporânea. Realizo uma breve revisão das principais correntes, escolas teóricas presentes nas inovações metodológicas da escrita e do ensino de História a partir do século XX, assim como da evolução do processo de ensino e aprendizagem em História nestas últimas décadas, principalmente no cenário nacional.

Neste capítulo, apresento reflexões sobre como estas metodologias colaboram na construção e no desenvolvimento de práticas e métodos pedagógicos realizados por historiadores e professores desta disciplina hoje.

Serão apresentadas particularidades presentes no movimento conhecido como Escola dos Annales, as grandes inovações trazidas por este movimento intelectual iniciado na década de 20, do século passado e ainda marcante no interior da historiografia. Dando continuidade aos debates presentes nas análises historiográficas, apresento também as contribuições e as transformações propostas pela Nova História Cultural.

No processo que busca perceber mais profundamente as relações entre a História, a cultura e a educação, dou destaque também aos estudos relativos à narrativa, a história oral, a micro-história, as biografias e a história local, que nestas últimas décadas vêm conquistando espaço considerável de estudos e pesquisas presentes na área do ensino de História.

Dialogo com pesquisas atuais que buscam demonstrar a centralidade e o destaque que estas práticas presentes no processo de construção do conhecimento representam na historiografia e na didática da história, hoje.

Ainda na temática deste capítulo, já que trabalhamos com análises referentes a um local previamente determinado que não é uma instituição formal de estudo consolidada e reconhecida como tal, realizo uma reflexão relativa aos chamados espaços não formais de educação, categoria de análise onde localizamos academicamente a PFPA.

Nesta perspectiva, o diálogo com as reflexões sobre a chamada educação não formal será parte integrante desta pesquisa, buscando um maior aprofundamento teórico na compreensão deste universo pedagógico. Realizo um breve debate relacionado à educação não formal e a algumas das questões e desafios presentes no campo de ensino da história.

Tento também perceber como as chamadas atividades de campo podem relacionar-se com o processo cotidiano de construção dos conhecimentos históricos realizados em sala de aula e com as propostas dos atuais currículos, conteúdos escolares da disciplina História.

No segundo capítulo realizo observações e análises especificamente relacionadas à PFPA. A história do local, sua arquitetura, a importância histórica, a montagem da atividade de visitação escolar e os principais atrativos oferecidos no espaço.

Aprofundo as buscas, as curiosidades, os dados do roteiro guiado oferecido, as características centrais dos saraus históricos apresentados no local, as personagens, os objetos de época, as roupas, músicas e ferramentas utilizadas na PFPA como instrumentos de construção do conhecimento dos alunos que visitam este patrimônio.

O terceiro capítulo está articulado ao trabalho no campo realizado, as observações e participações nas visitas pedagógicas realizadas com as escolas nele.

Busco mapear as principais características, inovações, diferenças e especificidades da atividade. Ressaltar a centralidade dos detalhes, das falas, dos objetos e locais presentes no roteiro guiado e suas relações com a construção do conhecimento histórico no interior das salas de aulas.

O trabalho é encerrado a partir das considerações, das reflexões e propostas, inclusive de dúvidas e questionamentos que continuam em aberto se não chegarmos a respostas satisfatórias. Tento centralizar as possíveis ações e direções compreendidas ao longo da pesquisa que possam colaborar para a melhoria da qualidade do ensino de História desenvolvido em nossas escolas, como também como do próprio roteiro guiado da PFPA.